



PSICANÁLISE

Organizadoras

Cândida Sé Holovko

Cristina Maria Cortezzi

Sexualidades e gênero

Desafios da psicanálise

Blucher



INTERNATIONAL
PSYCHOANALYTICAL
ASSOCIATION

sbp^{sp}
Sociedade
Brasileira de
Psicanálise de
São Paulo

SEXUALIDADES E GÊNERO

Desafios da psicanálise

Organizadoras

Cândida Sé Holovko

Cristina Maria Cortezzi

Sexualidades e gênero: desafios da psicanálise

© 2017 Cândida Sé Holovko e Cristina Maria Cortezzi (organizadoras)

Editora Edgard Blücher Ltda.

Imagem da capa: Diego Wisnivesky

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,
março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Sexualidades e gênero: desafios da psicanálise /
organização de Cândida Sé Holovko, Cristina Maria
Cortezzi. – São Paulo : Blucher, 2017.

400 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-1251-5

1. Psicanálise 2. Identidade de gênero 3. Mino-
rias sexuais 4. Sexo (Psicologia) 5. Transexualidade
I. Holovko, Cândida Sé. II. Cortezzi, Cristina Maria.

17-1397

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicanálise

Conteúdo

PARTE I

Repensando sexualidades e gêneros

1. Morfismos e versidades nas subjetividades contemporâneas 19
Fernando Orduz
2. Considerações psicanalíticas sobre sexualidade e gênero 33
Gley P. Costa
3. Identidade de gênero em um menino de 5 anos 51
Frances Thomson-Salo
4. Psicanálise e gênero nas relações amorosas na contemporaneidade 67
Almira Rodrigues

PARTE II

Novas configurações familiares

5. Novas configurações familiares: funções materna e paterna 81
Leticia Glocer Fiorini
6. Filiação e neoparentalidades: questões contratransferenciais 93
Cláudio Laks Eizirik

PARTE III

Violência sexual

7. O “complexo do vitimador” e suas vicissitudes no abuso de crianças 111
Joshua Durban
8. Perversão materna: avaliação das habilidades parentais dos pais 141
Estela V. Weldon
9. Encontro terapêutico com mulheres refugiadas na Alemanha 155
Gertraud Schlesinger-Kipp

PARTE IV

Tolerância/intolerância diante da diversidade de gênero

10. Inveja diante dos atributos femininos, masculinos e andróginos 181
Teresa Lartigue

11. Continência do analista diante da diversidade 197
Cristina Maria Cortezzi
12. Aspectos da sexualidade humana e os psicanalistas 211
Oswaldo Ferreira Leite Netto
13. Caminhando no limite 223
Julia Lauzon

PARTE V

Masculinidades e função paterna

14. Interiorização da função paterna e masculinidade
na clínica psicanalítica 241
Rui Aragão Oliveira
15. Vicissitudes da sexualidade masculina: exibicionismo
e fantasias no espelho 261
Cândida Sé Holovko
16. Paternidades contemporâneas: desejo de filho no homem
e técnicas reprodutivas 283
Patrícia Alkolombre

PARTE VI

Arte e sexualidade

17. Arte e sexualidade: retratos fotográficos, imagens
alteradas 299
João A. Frayze-Pereira

18. Arte e gênero: ambiguidades em narrativas históricas	313
<i>Mirtes Marins de Oliveira</i>	

19. Explorações da feminilidade e episódios homossexuais na adolescência: Katherine Mansfield	323
<i>Teresa Rocha Leite Haudenschild</i>	

PARTE VII

Corpo e transformações: reflexões sobre transexualidades

20. Corpo e vulnerabilidade na cultura contemporânea	349
<i>Ema Ponce de León Leiras</i>	

21. Um olhar sobre o trans: entre angústia e subversão	363
<i>Andrea Escobar Altare</i>	

22. A biologia como destino...?	377
<i>Alexandre Saadeh</i>	

Sobre os autores	393
------------------	-----

1. Morfismos e versidades nas subjetividades contemporâneas¹

Fernando Orduz

Tradução: Regiane Almeida

9 de abril de 1935

Minha querida senhora:

Lendo a sua carta, deduzo que o seu filho é homossexual. Chamou fortemente a minha atenção o fato de a senhora não mencionar este termo na informação que acerca dele me enviou.

Poderia lhe perguntar por que razão? Não tenho dúvidas de que a homossexualidade não representa uma vantagem. No entanto, também não existem motivos para se envergonhar dela, já que isso não supõe vício nem degradação alguma.

Não pode ser qualificada como uma doença e nós a consideramos uma variante da função sexual. Muitos homens de grande respeito da Antiguidade e da atualidade foram homossexuais, dentre

1 Trabalho apresentado no XII Diálogo Latino-Americano Intergeracional entre Homens e Mulheres – Desafios da Psicanálise frente às Novas Configurações Sexuais e Familiares, nos dias 3 e 4 de junho de 2016, na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

eles alguns dos personagens de maior destaque na história, como Platão, Michelangelo, Leonardo Da Vinci.

É uma grande injustiça e também uma crueldade perseguir a homossexualidade como se fosse um delito. Caso não acredite em mim, leia os livros de Havelock Ellis.... A análise pode fazer outra coisa pelo seu filho. Se ele estiver experimentando descontentamento por causa de milhares de conflitos e inibição em relação à vida social, a análise poderá lhe proporcionar tranquilidade, paz psíquica e plena eficiência, independentemente de continuar sendo homossexual ou de mudar sua condição. Caso a senhora decida que seu filho deva fazer análise comigo (e não espero que se decida por isso), deverá vir a Viena já que não tenho nenhuma intenção de deixar este lugar.

Desejo-lhe o melhor.

Atenciosamente,

Freud

(Freud, 1963, p. 470)

Desafios da psicanálise diante das novas configurações sexuais

Seria possível iniciar esta escrita aludindo que, desde a origem da concepção da sexualidade infantil como base do inconsciente, Freud pensou em uma sexualidade simbólica. O que se quer dizer com isso é que ele, em nenhum momento, reduziu a sexualidade aos fatores meramente biológicos ou genéticos, mas, em todo momento, observou seu caráter múltiplo e diverso. Para tal, em sua obra intitulada *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1976a), começa enunciando uma descrição das aberrações da sexualidade humana, em um tom longe de moralista,

na verdade, perto de científico, que elabora uma taxonomia ou classificação para demonstrar com fatos que algo caracteriza o ser humano: sua forma polivalente ou polissemântica, ideia que foi sintetizando com a definição constituída do nódulo inconsciente caracterizado pela sexualidade infantil como poli-morfa, per-versa.

Segundo Freud: “A experiência explorada cientificamente mostra-nos a existência de numerosos desvios com respeito a ambos, o objeto sexual e a meta sexual, desvios cuja relação com a norma suposta exige uma indagação profunda” (1905/1976a, p. 123).

Seria possível dizer que se, hoje em dia, as expressões do movimento de luta pela igualdade de direitos civis advogam pelo reconhecimento da diversidade LGBTI, Freud já tinha feito todo o trabalho teórico prévio para isso ao propor que a característica do objeto de escolha das pulsões era seu caráter indeterminado e variável. No entanto, não só o objeto era diverso, mas também, como diz o texto citado, seu objetivo ia além do destino de reprodução que possuem os animais. Seu fim era buscar o prazer, e prazer este não ligado unicamente à genitália, inclusive podendo sim ir mais além do princípio do prazer.

Em Freud, pode-se destacar a sexualidade como uma expressão que está muito além da sexualidade biológica do primata, a qual está mais ligada às mudanças hormonais que desencadeiam transformações na aparência da fêmea para dar início ao ritual do cortejo de uma forma predeterminada. A sexualidade animal está marcada por sinais. Os sinais oferecem reações precisas com apenas um significado. A cor vermelha em um semáforo insta a parar o trânsito; disposta como um sinal, deveria levar a uma resposta igualitária.

Contudo, a sexualidade humana, quando não reduzida ao seu sentido biológico, torna-se heterogênea. O desejo não está indicado pelas mudanças hormonais da fêmea, o cortejo sexual libera-se

dessa determinação, a resposta sexual humana libera-se do sinal biológico para constituir-se em função simbólica. Isso significa que é múltipla em sua significação e que, portanto, contempla que o sinal vermelho do semáforo, como foi exemplificado anteriormente, não seja devida e normativamente atendido pelo caráter diverso dos humanos.

O caráter simbólico leva o ser humano a jogar permanentemente com o código normativo, sendo colocado continuamente em questão, reconfigurado. O ser humano sub-verte, per-verte e di-verte-se com o código biológico. Muta, transmuta e permuta. Forma, deforma e reforma.

Isso que chamam de novas configurações sexuais Freud já tinha anunciado há mais de um século. E ainda tem mais, e é o que se acredita interessante sublinhar, destacou que essa multiplicidade de configurações sexuais pode existir na unicidade do ego e não necessariamente estar organizada em corpos que se diferenciam por uma marca ou definição entre uns e outros. Não se trata de ser *gay* ou *trans* ou *narciso* ou *bissexual* ou *indeterminado*.

Partindo da leitura de Freud, pode ser completamente passível que aconteça com o ser humano, em qualquer momento, qualquer uma dessas diversidades aqui mencionadas. Afinal, desde o princípio, Freud acreditava que a mesma diversidade era diversa, pelo menos assim escreve na sua compreensão inicial dos fenômenos da inversão ao classificá-los em três possibilidades: absolutos, anfigenos e ocasionais.

Ressalta-se essa ideia porque encontra-se que a identidade, quando invariável, não tem maior presença na obra de Freud. Na verdade, não menciona o conceito como tal. A noção que marca de alguma maneira sua obra tem a ver com a palavra identificação, a qual acentua o processo dinâmico e mutável em contraste com a ideia de identidade, que é uma substância e não uma essência. No

mesmo ensaio ao qual se vem fazendo alusão, Freud propõe, desde o começo, que a ideia do homossexual diante da própria inversão é diversa (alguns brigam contra a sua homossexualidade ao senti-la de forma patológica, outros já a aceitam como um fato natural). Também mostra como essa adversidade flutua no tempo:

O traço da inversão data no indivíduo desde sempre ou até onde vai a sua lembrança ou ainda só se percebeu durante uma determinada época da vida, antes ou depois da puberdade. Este caráter pode conservar-se durante toda uma vida ou bem desaparecer em algum momento ou bem representar um episódio na vida em torno do desenvolvimento normal; ou bem ainda podendo-se exteriorizar somente bem mais tarde na vida, transcorrido um longo período de atividade sexual normal... interesse particular apresentam os casos em que a libido se altera no sentido de inversão depois que se teve uma experiência penosa com o objeto sexual normal. (Freud, 1905/1976a, p. 125)

Isso leva a pensar que a psicanálise, em sua visão, assinala o desvio e não a normalidade heterocentrada. Em seus ensaios sobre a teoria da sexualidade, Freud enfatiza o conceito de zonas, enunciando o corpo como uma superfície erógena e ressaltando que a sexualidade não deveria ser reduzida ao conceito apenas da genitália. Daí que a psicanálise aponta um conceito de erogeneidade multizonal, e não de uma limitação da sexualidade aos seus aspectos genitais. Nesse sentido, seria possível dizer que somos orais, voyeuristas, olfativos, táteis, e que isso é tão válido para definir nossos processos identitários como dizer que somos macho/fêmea/homo/trans.

Entretanto, também pode ser reconhecido na obra de Freud o espaço para uma leitura que faz reduções binárias com relação ao gênero. A oposição masculino-feminino em sua obra é lida continuamente sobreposta à ideia de ativo-passivo e a outros eixos binários como amor-ódio, prazer-desprazer, Édipo-Narciso.

Assim como povoa-nos a perversidade mútua e a unicidade egoica, a díade também nos habita tanto quanto a fragmentação erógena ou a identidade unitária. O código normativo também nos marca e, em algumas ocasiões, identificamo-nos plenamente com o macho ativo e a fêmea passiva. Por que não? Como discurso social, está todo o tempo presente, algo dele também existe em nós, algo dele nos insiste, a diferença anatômica está aí e também produz um discorrer. Isso, igualmente com a noção de par, casal, também está pedindo um lugar de representação; curiosamente, apresentando-se como diversidade sexual, muitos LGBTI pretendem ingressar no código da sociedade matrimonial que normatiza a vida de casal.

O olhar psicanalítico permite entrever uma dinâmica que acontece entre o um e o múltiplo. Cabe perguntar se, ao considerar essa polaridade, deveria ser pensado que também existe campo para a representação do binário e do triangular. Assim como se pensa da díade, pensou-se o triângulo como estrutura constituinte do humano, e talvez por isso seja tão difícil configurar um casal-duo, porque nos estruturamos em uma tríade. Por vezes, o casal vem em um triângulo amoroso e, em outras, o triângulo retorna ao dois.

Pergunta-se: por que se fala de novas configurações sexuais quando assume-se que a sexualidade teve múltiplas configurações desde sempre e desde sempre também teve códigos que tentaram unificar seu comportamento?

A noção de pulsão na psicanálise sempre deixa em um ponto liminar, em que se está no ponto do excesso: por momentos, emergem o exagero e a expressão e, em outros, a força tensional

consegue ser contida. Como um fantasma, a sexualidade surge em cada época para lembrar que a norma não pode ser contida. Emergiu como histeria no final do século XIX, como amor livre nos anos 1960, como a pecaminosa AIDS nos anos 1990, como reconhecimento da diversidade sexual no século XXI. De vez em quando, a sexualidade mostra seu rosto de época.

Há uma cena no filme *A Guerra do Fogo* em que um homem primitivo espreita uma fêmea que está tomando água; ao vê-la com as nádegas no ar, o macho acomete contra ela em uma posição de coito a tergo (“de quatro”). Ela, que porta os sinais do simbolismo em seu corpo maquiado ou tatuado, detém-no por um momento e inverte a posição para ficar cara a cara, e foi então que a variação emergiu para este homem que só conhecia uma forma de sexualidade.

Em algumas ocasiões, a diversidade nos assalta no meio de um passeio por uma praia, como o primitivo que caminhava pelo prado paleolítico, alterando o curso de nossa visão, uma imagem do exterior captura-nos, tira-nos de nossa unicidade e faz-nos cantar *Garota de Ipanema*. Contudo, em outras ocasiões, emerge como força informe, como se disse antes, um fantasma, e faz-nos entoar *À flor da terra*: “O que será que será / que andam sussurrando em versos e trovas, /... que não tem certeza nem nunca terá, / que não tem vergonha nem nunca terá”.

No meio de uma manhã dominical de Carnaval, vê-se morrer o protagonista da história. Fantasiado de baiana, o corpo luxurioso do esposo de Florípedes do Guimarães cai, vítima da desmedida, do excesso, alguns pensaram que era o efeito da cachaça. Entretanto, a verdade é, como sussurra Jorge Amado no romance que se espera que seja reconhecido, desestimando a ideia da morte, que Waldomiro dos Santos Guimarães, Vadinho para as putas e os amigos, desertou para sempre o carnaval da Bahia.

A história à qual se refere é a da Dona Flor, narrada por Jorge Amado (1966/2008). Seu primeiro amor chamava-se Vadinho, esse que morreu em pleno carnaval e que tentou com a explosão dos sentidos à filha menor de Dona Rozilda, que esperava como genro um espécime um pouco diferente do que sua pequena Flor havia escolhido.

Na história, a primeira escolha amorosa de Florípedes cozinha-se algo em uma experiência mais próxima à pele do fruto, à textura. Não é em vão que a escola que inaugura se chama Escola de Cozinha: Sabor e Arte e traça o caminho que levará Vadinho a Dona Flor: saborear-te.

Em contraste com a forma do amor de sua filha, a mãe, Dona Rozilda, sustenta outra ética de amor, a ética que subjaz no casamento desde o princípio dos séculos: o intercâmbio amoroso entre um homem e uma mulher deve tomar forma sob o aspecto de um intercâmbio comercial. O amor na forma de matrimônio é tão somente isso, um intercâmbio econômico que não interessa à ética estética e culinária da protagonista. Assim, a mãe o faz saber à filha, que isto responde quando a mãe a incita ao casamento com o prestigioso Dr. Pedro Borges: “É feio como a necessidade”, diz a bela cozinheira. E a mãe, por sua vez, responde: “O amor vem com a convivência... A beleza do homem... não está na cara, está é no caráter, na sua posição social, em suas posses. Onde já se viu homem rico ser feio?” (pp. 73-74).

No entanto, Dona Flor construiu sua identidade em outro tipo de molde, deveria se dizer que cozinhou sua identidade no gosto olfativo, oral e visual. Será que entenderia Dona Rozilda, que, ao educá-la no pacto do intercâmbio comercial, havia plantado em sua filha, por posição binária, o signo da beleza dos sentidos como isca?

Vadinho e Flor são o encontro sensorial que emergiu no meio de um tango; aqui, tal ritmo não é o último filme de Bertolucci,

mas o início. Vadinho, nome que, em português, provém do verbo vadiar, alude à vadiagem, à vagabundagem, que é exatamente o que caracterizará o gosto pelo jogo e pelo erotismo desse personagem.

Vadinho é um homem que se lê a partir do prazer dos sentidos e Flor cai na rede de seus encantos. Em alguma passagem da história, lembra-se Dona Flor de que “eram a mão, a língua, a palavra, o lábio... era ele quem me despia do lençol e do pudor... para me acender em estrelas, em seu mel noturno” (p. 249).

Todavia, como toda história de amor mítico, no cinema ou na literatura, a morte emerge. Mas simplesmente, neste lado do oceano (diferentemente da Europa com suas narrativas trágicas), a morte não aparece no final como símbolo do amor impossível. Aqui, Tântatos tem de dançar de outra maneira com as Moiras e com Eros. Aqui, a morte por amor está mais próxima da experiência orgástica, *la petite mort*, que do beijo letal de Tântatos. A morte aparece como intermediário na história e deixa uma marca que incita o retorno. Na história de Jorge Amado, a morte não é o final. Depois da morte de Vadinho, Dona Flor fica marcada pela paixão que o vagabundo escreveu em sua pele. No meio do luto, ela relata: “Esse manto de recato me asfixia, de noite corro as ruas em busca de... a quem servir o vatapá doirado e meu cobreado corpo de gengibre e mel” (p. 249). Vadinho havia despido um desejo que, agora, ficava desperto e sem qualquer possibilidade de ser contido.

Durante o ano de luto, a viúva vai cozinhando a fogo lento uma feminidade, sem que ela mesma saiba, ao amor predestinado pela originária imposição materna. Florípedes reconhece-se como uma viúva partida em duas: por um lado, a viúva honesta e recatada que guarda luto na vigília, mas, por outro, a lasciva, cheia de sonhos com cenas lúbricas que o despertar impede de chegar ao final.

O remédio chega da farmácia na forma de um homem fino e tranquilo. Afinal, sempre há uma droga para todo mal. Florípedes já pode enunciar a forma do impulso livre do arrebatamento passional dos sentidos e dar-lhe uma forma mais medida e madura. Agora, Dona Flor já consegue ser uma digna herdeira de certos moralismos psicanalíticos que pregam que há paixões destrutivas e fanáticas, como a que viveu com Vadinho e que muitas teorias estigmatizam com a noção de gozo. Agora, ela busca a prudência, a paixão sem delírio, o amor ameno que, não em vão, tem por nome Teodoro Madureira. O amor que traz a serenidade ansiada, a paz idílica.

Trata-se de um galã agradável bem inscrito em um conjunto de registros sociais, membro da Sociedade Baiana de Farmácia, versado intérprete de notas musicais que passam por Bach e Beethoven. Algo estranho para Flor, versada tão somente na música de violões de seresteiros e na sociedade dos sabores que cozinhava com toques de cebola e pimenta.

No entanto, no meio desse tranquilo casamento de acordo com o código dos bons costumes baianos, o aroma de outrora, que agitava Vadinho, começa a emergir em ondas de nostalgia: “Mar de violência desatada... ardido cheiro de sargaços, de algas e ostras, gosto de sal” (pp. 286-287); essa sensibilidade dos sentidos que cozinhava o finado primeiro marido manda seus tostados aromas desde o fogo alto do inferno.

Florípedes pretendia que o saber maduro do presente esmagasse a violência tórrida da memória passional, mas a invocada lembrança começa a encarnar-se da melhor maneira do Evangelho de São João.

Vadinho reaparece da morte para acalmar o que a tranquilidade, a ordem e a segurança da vida de casada com Teodoro, o maduro, não tinham podido preencher. Como bem diria o obscuro homem vindo do além à correta Flor: “Também de meu amor

precisas... desse amor de impurezas, errado e torto, devasso e ardente” (p. 448).

A angústia de Flor ao deparar com o morto ressuscitado é resolvida rapidamente quando assume que a presença de seu antigo esposo é a garantia da virtude que faz com que seu desejo não exploda em mil corpos, mas apenas no de sua nostalgia revivida. Vadinho, vindo do além, diz-lhe em um de seus assaltos à cama de Flor: “Quando era eu só, tinhas meu amor e te faltava tudo, como sofrias! Quando foi só ele, tinhas de um tudo, nada te faltava, sofrias ainda mais. Agora, sim, és dona Flor inteira como deves ser” (p. 448).

Quando se lê literatura europeia ou se vê seus filmes na tela, chama a atenção que condenem o amor passional ao ato da morte. Um filme famoso de Truffaut, *A mulher do lado*, termina com uma frase paradigmática: “nem contigo, nem sem mim...”, depois dois tiros acabam com a vida dos amantes. Porém, Amado com a sua Dona Flor oferece outra saída: na sua arte culinária, a jovem une dois *ethos*, o da tranquilidade e o da desmedida, misturando seus sabores. O tempero do discurso materno que agora se impõe tem o condimento da desmedida de seus anos anteriores. Aqui, a morte não condena os amantes à solidão, à busca impossível, à pulsão contida como nas narrativas europeias que vão de Tristão e Isolda, passando por Romeu e Julieta, chegando à trágica leitura dos filmes franceses. Deste lado do continente, a paixão é possuída pela *hybris* e não se dobra à morte.

A América Latina é um cadinho em que se misturam crenças das mais variadas. Em particular, no caso na Bahia, misturam-se as tradições dos escravos africanos com a tradição da igreja católica apostólica dos conquistadores espanhóis. A magia inunda a vida cotidiana dessa região, bem como a de muitas outras desse mesmo continente, o iorubá oculta seus orixás no santuário apostólico romano.

Em um momento, a proibição, o código normativo toma corpo na história da correta esposa. Florípedes, presa de certa angústia moral ao reencontrar a imagem de seu antigo desejo em todo momento de sua vida, invoca a guerra dos orixás para libertar-se de seu esposo libertino, que agora opera na forma de amante fantasmal.

Os orixás, com exceção de Exu, unem-se para desfazer o fantasma da vida de Flor e deixá-la apenas com o seu atual marido, Don Teodoro Madureira. Toda a técnica da magia afro une-se para derrotar a presença indevida do triângulo no código normativo do casal.

O fato curioso é que, enquanto os orixás vencem Exu e vão fazendo desaparecer o fantasma, justamente quando Vadinho, o fantasma, estava com Dona Flor na cama, o grito de paixão amoroso de Flor (era filha completa de Oxum, uma deusa sensualíssima que vive na água e arde em fogosos desejos) impede o desvanecimento da única forma que lhe permite caminhar como uma verdadeira Dona pelas ruas da Bahia: “Que formosura, que beleza de mulher! Um peixão, e se vê que anda contente, que nada lhe falta nem na mesa nem na cama. Até parece mulher de amante novo, pondo chifres no marido” (p. 458).

O desejo em forma de grito de Florípedes permite a *sobre-vivência* do fantasma sem a lógica da exclusão. Em seu grito de amor, decide que seu objeto deve conter um (para complacência da mãe e dos bons costumes) e o outro (para total regozijo da pele de Flor).

Açúcar, sal, queijo ralado, manteiga, leite de coco, o fino e o grosso, dos dois se necessita. (Me diga o Senhor, que escreve nas gazetas: por que se há de precisar sempre de dois amores, por que um só não basta ao coração da gente?) As quantidades, ao gosto da pessoa, cada um tem seu paladar, prefere mais doce ou mais salga-

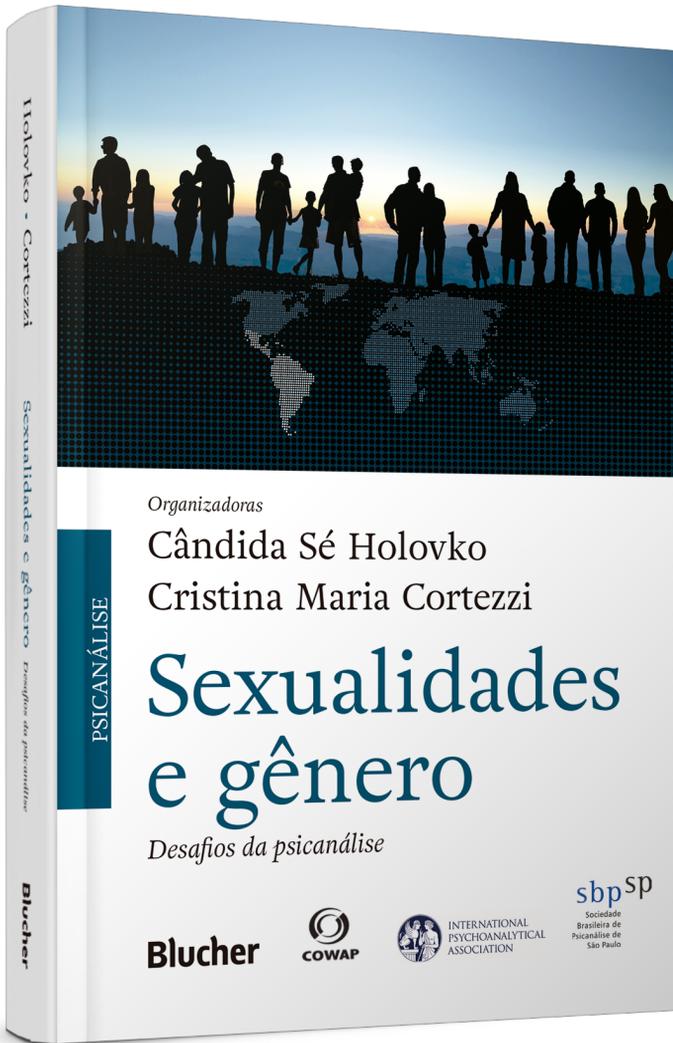
do, não é mesmo?... (bilhete recente de dona Flor ao romancista). (p. 15)

Referências

- Amado, J. (2008). *Dona Flor e seus dois maridos*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1966).
- Freud, S. (1976a). Tres ensayos para una teoría sexual. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 7, pp. 123-210). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1963). *Epistolario: 1873-1939*. 2ª ed. Madrid: Biblioteca Nueva.

Bibliografia complementar

- Freud, S. (1976b). Las pulsiones y sus destinos. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 14, pp. 113-134). Buenos Aires. (Trabalho original publicado em 1915).



Clique aqui e:

[Veja na loja](#)

Sexualidades e Gênero

Desafios da Psicanálise

Cândia Sé Holovko (organizadora)
Cristina Maria Cortezzi (organizadora)

ISBN: 9788521212515

Páginas: 400

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2017